



TRIBUNA Livre

10
DEZEMBRO
1960

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - A M A R E S

A Vereação e a Misericórdia

Foi há um ano que foi eleita a actual vereação. O concelho estava farto de ver as suas aspirações por satisfazer e os homens entretidos com problemas de regedoria, alheios a tudo que fosse realizar algo de construtivo. Quis mudar a directriz e mudou-a não obstante o timoneiro de então não ter compreendido que os objectivos o ultrapassavam e iam muito além da sua pessoa e do seu cargo. Não o compreendeu e foi vítima do seu próprio erro, do qual não deve ter ainda procurado a genese, para não rectificar juízos. É uma posição móda.

Surgiu, daí, uma nova vereação. Pensem quantos quiserem nos resultados, volvidos um ano, que por mais faciosos ou apaixonados que sejam a inteligência dir-lhes-á que a mudança operada trouxe benefícios evidentes. Diligentes, capazes, cada um

com opinião própria, sabem o que querem e dispensam tutelas. Presididos por um homem sério e realizador, o homem de que o concelho precisava, este secundado por um vice-presidente esforçado, eis como tudo se transformou.

Quem há um ano falaria com optimismo que mais parece uma certeza na electrificação das freguesias até Bouro, quem admitira a possibilidade de em 2 ou 3 anos termos a pavimentação e alargamento das estradas Bouro-Gerez, Feira Nova-Caldelas e a construção da Variante, obras orçadas em cerca de 10.000 contos?

Mas isto é só uma parte do muito que se projecta e pelo qual se trabalha; mesmo assim, não será preciso ir longe para se encontrar algum despeitado que por ele pegaria nos mesmos depositários da inercia, incompetentes e incapazes e os poria na cáte-

dra para puxar pelos cordelinhos indiferentes aos queixumes do povo, aos ditames da consciência e à repulsa da sociedade.

* * *

De há dias que se fala na Misericórdia por via de umas eleições que gostaríamos que fossem quanto antes mas que ainda demoram. Há três anos a Instituição estava numa casa alugada, não tinha di-

Continua na 3.ª página

A justa homenagem ao ilustre presidente da Câmara de Braga

Ao ser entregue ao sr. António Maria Santos da Cunha, devotado presidente da Câmara de Braga, a medalha da cidade, adquirida por subscrição pública que já se abeira dos 100 contos, vai-lhe ser prestada homenagem pelos altos serviços prestados à cidade, ao Distrito e ao País.

E por isso que a dita homenagem que é também uma inteira consagração, não é, não pode ser já uma iniciativa da cidade e seu concelho, mas sim um movimento de consagração que despertou o País por toda a parte onde há quem aprecie os homens que se esforçam pelas realizações materiais, pela sua devoção total ao ideal que prefilham, pela sua grandeza de coração.

Poucas vezes se terá sido tão justo ao exaltar uma figura pública à qual se podem dirigir todos os adjetivos de elogio que lhe cabem inteiramente, mas a quem se não pode lembrar esta ou aquela obra sobre pena de se ter de escrever tanto que espaços como o deste jornal não comportam.

Efectivamente as inúmeras realizações no campo das realizações, das iniciativas de carácter cultural, na política e em todas as manifestações de uma vida pública intensa, dariam para encher páginas que tanto são de carácter concelhio, distrital ou nacional.

Braga não o lembrará só na nossa geração nem sómente no nosso século; há-de inscrevê-lo na sua página mais brilhante e lamentar, se é que tal se verificará, que o seu mandato se não haja prolongado.

Poucas vezes um Decreto terá sido tão preciso e de tão benefícios resultados.

Visado pela censura

O Herói e o Santo

por P.º Albino J. F. Alves

Com o presente artigo concluímos as considerações trazidas a público sobre o Santo Condestável neste centenário do seu nascimento. Foi nossa intenção ao focar algumas das facetas da sua vida, apartá-lo como luminar da Pátria, e da virtude às gerações contemporâneas. Também por outro lado, contribuímos para que o povo das mais remotas aldeias onde é lido este semanário, tinha conhecimento da grandeza do máximo Herói da Pátria e da sua fulgurante santidade.

Tudo é sublime é grande em Nun' Alvares. Na sua

vida plena de patriotismo e beleza moral, não sabemos que mais admirar:—Se a audácia e coragem com que desembainhou a espada para garantir a intangibilidade das fronteiras da Pátria, se o exercício prático dum conjunto de virtudes que o levaram aos maiores actos de renúncia e penitência, comprindo integralmente apesar, da sua idade avançada a disciplina monástica da ordem Carmelita.

Como são dignas de ponderação as suas palavras, quando respondia àqueles que brandamente o repreendiam por se entregar aos mesteres humildes da Ordem onde se acolheu:— «Na casa de Deus tudo é tão ilustre que até os serviços mais baixos, têm de ser altos» ou então quando afirma, que não viera à Religião para descansar, mas para trabalhar e que o serviço nada teria de agradável a Deus, se não fosse castro.

Rezam crónicas antigas,

Continua na 5.ª página

A Igreja e a Emigração

Dentro de poucos dias vai celebrar-se o DIA CATÓLICO DA EMIGRANTE que, sem dúvida, será para os católicos uma oportunidade de meditar na situação moral e religiosa dos emigrantes, apreciar a obra gigantesca que a Santa Sé vem realizando a favor do bem-estar espiritual dos seus filhos dispersos e afastados da terra natal e, ao mesmo tempo, despertar nas consciências interesse e entusiasmo pelas questões de carácter social, económico, cultural e moral de que os Movimentos Migratórios se revestem.

Este ano, o Dia do Emigrante, pode dizer-se, está impregnado do espírito que presidiu ao IV Congresso Internacional Católico de Migrações, efectuado no verão passado em Otava, Canadá.

O Tema geral do Congresso foi a Integração dos Imigrantes Católicos e nos sete grupos de trabalho que se formaram, foram estudados, com toda a clareza e mestria, os diversos aspectos que envolvem a Integração dos emigrantes nos países de recepção. Integração lenta, progressiva, enriquecida por culturas e tradições di-

ferenciadas e não realizada por obsorções e despersonalizações.

Salientou-se o acolhimento caridoso aos imigrantes por parte dos católicos; a

Continua na 4.ª página

A CHARRUA E A ESPADA

por António Maria Zorro

Do ponto de vista jornalístico, como acontecimento internacional que foi, o discurso de Salazar acerca da presente campanha anti-colonialista e de todos os seus derivados pode resumir-se no seguinte: Portugal não reconhece à Assembleia Geral das Nações Unidas competência para declarar não autónomos territórios de qualquer potência e sem este pressuposto Portugal não se teria apresentado a fazer parte daquela Organização; e mais:—Portugal continuará a não aceitar para as Províncias Ultramarinas, que fazem parte da Nação uma situação equivalente à de territórios tutelados pela ONU e destinados a subsequente secessão, nem consentirá em prestar contas de como os portugueses entendem governar-se em sua

própria casa; em toda esta matéria, quer se trate de África, quer da Índia ou de qualquer outra parte do mundo.

(Continua na 5.ª página)

Paisagens e Realidades Práticas da Vida

Ouve-se dizer a qualquer boa cozinheira, a contas com os preparativos de um bolo, que a massa de que se fazem não pode mexer-se senão para o mesmo lado.

Depressa ou devogar, a mão tem de girar sempre no mesmo sentido. Pode descansar e recomeçar a sua tarefa; desandando, estraga-se tudo.

Por que será, ou não será, já é querer saber demais.

Com todos estes cuidados e vagares fabricaram-se mui-

tos bolos deliciosos.

A técnica moderna, das batedeiras eléctricas e quejandas maquinarias de pastelaria, vieram suprir muitas dessas preocupações e demoras, com uma boa quota (quota) parte de esforço.

Comem-se, finalmente, pelo mesmo sistema e não consta que haja distinção na forma ou no paladar.

Também por aí é difícil adivinhar se a dona da casa tem ao seu serviço o velho e

arruinado forno de lenha ou o vistoso fogão eléctrico.

O uso e abuso das vantagens e facilidades da vida moderna, postas ao serviço e bem-estar do homem, são tão problemáticos e relativos como as dimensões da riqueza.

A Terra gira à mesma velocidade de sempre; no entanto, o mais potente motor de rápido veículo ou de avião

Continua na 5.ª página

TRIBUNA FEMININA

Entre nós, mulheres...

O QUE «ELES» VÃO USAR

por Noémia Gil Faria

Quem foi que disse não se preocuparem os homens com as modas ou não mudar nunca o vestuário masculino? Nada mais falso. O homem — pelo menos a maioria dos homens — anda sempre preocupado com o número de botões que, na altura, se usa na manga; com a forma dos bicos do colarinho ou com a largura das bandas do casaco. Esta preocupação não é de hoje, é de sempre. A sua pseudo-sobriedade não passa, afinal, de um mito.

E que isto é assim prova-o o facto de alguns costureiros parisienses de alta-costura feminina executarem encomendas para cavalheiros, tendo mesmo as casas Dior e Cardin aberto «boutiques» masculinas, onde os maridos se «vestem», enquanto as esposas escolhem «toilettes» nos grandes salões.

Também no sector dos homens a moda se inclina, este ano, para o preto. Preto nos sobretudos; preto nos fatos com coletes vermelhos ou brancos destinados às horas elegantes; preto nos «smokings» — que andavam a brincar às cores nas estações anteriores; preto nos sapatos — e até... nas gravatas.

A moda do «charleston», que está a influenciar as senhoras, não se estende às calças masculinas. Nada daquelas largas em «godets», que os elegantes de então faziam girar uas voltas de «charl». A calça actual é de largura média (com tendência até a estreitar) e dispensa completamente a volta. Como novidade, tem a «segurança»: uma tira de borracha erigida que prende o tecido e não deixa que a camisa saia para fora. Como a maior parte dos tecidos é tratada de modo a não precisar de ferro (nem sequer para o vinco) a calça tem de ser pendurada pelas extremidades mais estreitas, para «desenrugar». Por esse motivo as algibeiras estão munidas com fechos de correr, para que não caiam as chaves ou as moedas.

O «smoking» usa-se em fazendas lustrosas sob as luzes artificiais, mas baças à luz do dia. Na maior parte dos

modelos, as bandas são de setim cinzento-chumbo. A abotoadura é de dois botões gémeos, soltos de casaco.

O facto para as horas elegantes é levemente cingido na altura da cintura, mas logo se afasta nas abas. Tem as bandas muito estreitas e os dois botões que o fecham são colocados acima da cintura. Com tanto preto, o setim do forro perdeu a discricção e tingem-se de cores menos sóbrias do que até agora.

O género desportivo (afinal, o que se usa todos os dias) tem a calça ou o casaco em veludo «côttelé»; e três botões a fechar. Abandona as duas rachas laterais por uma única nas costas. As bandas, neste género de vestuário, são estreitíssimas e ornem-se com pospontos bem visíveis. Para o carro e para o emprego continua a ver-se imenso o casaco de malha grossa. E, ao mesmo tempo, confortável e prático, deixando livres os movimentos.

Quanto aos abafos, deu-se uma revolução. Com a possibilidade da impermeabilização de quase todos os tecidos, há gabardinas que parecem sobretudos, há sobretudos que parecem gabardinas. No entanto, perdeu-se o «deixar-te-ir» enodado dos últimos anos. O estilo inglês é de rigor e, em grande parte dos modelos, é igualmente de rigor a gola de voludo, providência para quem tenha as golas destroçadas pelo uso.

A brigar com toda esta elegância de linha britânica está o chapéu — e que se atreve a andar sem ele — pequenino, de copa baixo e aba curta, lembrando os «tiroleses», encantadores vistos «in loco», e acompanhados por calções curtos e meias policromadas, mas, francamente, ridículos fora do ambiente da Baviera. Todavia, quem somos nós, mulheres ridículas, sempre a usar modas ridículas, para criticarmos o que o elegante 1961 vai passear pelas capitais do mundo. Mesmo pequenino, aclamemos, pois, o chapéu masculino, que faz viver os chapeleiros, embora mate, ao mesmo tempo milhares de indefesos coelhinhos.

Culinária

Bacalhau à moda

Bacalhau cozido q. b.
Batatas cozidas q. b.
Cebola e alho q. b.
Manteiga, banha e azeite q. b.
Ovos cozidos q. b.
Farinha de trigo, salsa picada e colorau doce.

Arrumam-se numa assadeira de barro camadas alternadas de batatas cozidas, cortadas às rodas, pedaços de bacalhau cozido, finas rodélas de cebola, um pouco de alho picadinho, bocadinhos de banha e manteiga, alguns fios de azeite muito bom, até se acabarem as batatas e o bacalhau.

A última camada deve ser de rodélas de batata. Polvilham-se com farinha e uma pitada de colorau doce. Vai ao forno a cozer em lume brando. Depois do molho estar apurado, polvilha-se com salsa muito picada e ovos cozidos também picadinhos.

Bacalhau de prata

Bacalhau duas postas
Batatas 500 gr.
Uma cebola média
Uma colher de sopa de azeite. Uma colher de sopa de manteiga.
Duas colheres de sopa de farinha. Meio litro de azeite, Pimenta, noz moscada, queijo ralado, manteiga e pão ralado q. b.

Coze-se o bacalhau demolido e passa-se pela máquina, à parte cozem-se as batatas e passam-se pelo espremedor.

Pica-se num tacho a cebola fininha, e leva-se ao lume com o azeite e a manteiga e deixa-se refogar apenas até cozer, pois deve ficar branca.

Deita-se o polme da batata e o bacalhau picado e deixa-se refogar tudo muito bem. À parte desfazem-se numa tijela, as colheres de farinha no leite, junta-se tudo num tacho, tempera-se com pimenta, noz moscada, e uma porção de queijo parmesão ralado.

Alisa-se bem, polvilha-se com queijo e colocam-se por cima bocadinhos de manteiga e vai ao forno a alourar ligeiramente.

Se houver claras de ovos, pode enfeitar-se com montinhos de claras batidas em castelo, corando depois no forno.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

Conferência sobre a Indústria algodoeira em Manchester

No dia 13 de Novembro, passado o Dr. Kurt Dieterich, Presidente da Federação Internacional das Indústrias do Algodão e Similares, proferiu uma conferência em Manchester sobre a modernização da principal indústria do condado de Lancashire que obedece a um plano englobando as operações mais radicais e corajosas levadas a efeito por qualquer indústria em qualquer parte do mundo.

Os industriais de algodão na Europa e no Ultramar seguiram com admiração a velocidade e força de vontade com que o programa foi executado, disse o Dr. Dieterich que, mais adiante, continuou:

«Eles esperam e confiam que a indústria algodoeira de Lancashire ressurgirá desta operação como uma indústria vigorosa, eficiente e unida. Temos de reconhecer que este exemplo aparece-nos como um ensaio não só para as indústrias textéis nos mais antigos países industriais como, também, para as indústrias de todo o mundo, dum modo geral... A industrialização nos países antigamente sub-desenvolvidos tem avançado muito. Muitos desses países atingiram já um nível elevado

no seu desenvolvimento económico. Novas indústrias se erguem exigindo a sua participação no comércio mundial.

As indústrias estabelecidas, há muito, em países com um elevado nível de vida e igualmente elevados custos de produção encontram-se em face duma situação completamente nova.

São forçadas muitas vezes a fazer ajustamentos arroçados e penosos para irem ao encontro das novas condições.»

Referindo-se à divisão económica da Europa em Comunidade Económica Europeia e Associação do Comércio Livre Europeu, o Dr. Dieterich disse:

«Consideramos esta divisão infeliz e até perigosa. As indústrias textéis da Europa sempre gozaram de completa liberdade entre si e o comércio inter-europeu é para elas de grande importância. Está agora em face da real possibilidade de interferência neste comércio através da operação de tarifas discriminatórias.

Consideramos qualquer espécie de associação entre os Seis e os Sete, como sendo da maior importância e urgência».

PRINCESA ENCANTADA

Vinde ver a minha terra
Como encerra
Belezas que nem sonhais!
Vinde aspirar-lhe os saudáveis
Inefáveis
Aromas dos laranjais!

Nos seus montes e outeiros
Os pinheiros
Abrem os braços aos céus,
Enquanto o vento murmura
Com ternura,
Gemendo nos ramos seus!

Nas veigas á beira-rio
Quando o estio
Já tem doirado as espigas,
Andam ceifeiras ceifando,
Entoando
Harmoniosas cantigas!

Ha na brisa que suspira
E delira,
Não sei que estranha canção,
Que só a pôde entender
Quem tiver
Um amor no coração!

Como é linda a minha aldeia
Toda cheia
Da luz da lua e do sol,
Do silêncio e dos trinados
Inspirados
Do mimoso rouxinol!

Engrinaldada de rosas
Primorosas,
Entre a verdura aninhada,
Todos vós direis, ao vê-la:
Como é bela
Esta Princesa Encantada!...

Novembro de 1960

UERBA

Deseja trabalhos tipográficos
com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À
MODELAR

Telefone 62113

Amores

TRIBUNA do CONCELHO

Reunião Camarária

Deliberações da Câmara Municipal
Correspondência
Ofícios

Direcção Geral de Administração Política e Civil, informando que embora seja legal a dedução de 0,5 por cento para a Caixa geral de Aposentações, nos pagamentos das empreitadas de obras públicas do Estado, determinada na alínea a) v § único do Art.º 19.º do caderno de encargos a tipo, aprovado pela Portaria n.º 17.796, de 6 de Julho último, tal dedução já não é legítima no que toca às empreitadas adjudicadas pelas Câmaras Municipais.

Idem, idem, idem, n.º 59/60, P.º X-4/9, L.º 10-A, 2.ª Repartição da Direcção Geral de Administração Política e Civil, informando que no entender daquela Direcção Geral e da Inspecção Geral de Finanças, não se torna necessário novo contrato nem averbamento no contrato anterior no caso de restabelecimento das ligações interrompidas por falta de pagamento de consumo de água ou energia eléctrica e consequente reintegração de depósito de garantia.

Do Governo Civil de Braga, transcrevendo a circular n.º 86, P.º S-4/1, L.º 21-A, 2.ª Repartição, da Direcção Geral de Administração Política e Civil, informando que deve ser liquidado e selo da verba do Art.º 105 da respectiva Tabela Geral nas licenças policiais dos estabelecimentos classificados de utilidade truística que funcionem depois da hora de recolher.

Idem, idem, idem, n.º 57/60, P.º Z-1/95, L.º 25-A, 2.ª Repartição da Direcção Geral de Administração Política e Civil, informando o seguinte: 1.º a cobrança do Imposto de selo previsto especificadamente em algumas das rúbricas do Art.º 105.º da Tabela Geral exclui a cobrança de selo do Art.º 106 ou do Art.º 107 da mesma Tabela; 2.ª Pela licença a vendedores ambulantes abrangidos pelos Decretos leis n.º 32.595 e 34.520, respectivamente de 30 de Dezembro de 1942 e de 23/4/945, não é de cobrar imposto de selo, conforme estabelece o § único do Art.º 2.º do primeiro dos citados diplomas. 3.º A isenção da contribuição industrial prejudica a liquidação de imposto de selo nos casos em que esta deve ser cobrada cumulativamente com a aludida contribuição.

Requerimentos de Obras

De Manuel Augusto Ferreira, de Bouro Santa Maria, pedindo licença para aumentar a um barracão no lugar de Cano da mesma freguesia. O Zelador Municipal informa que não há inconveniente na concessão da licença desde que o aumento respeite o alinhamento da construção existente.

De Manuel José Antunes Figueira, de Bouro, solicitando licença para reparar o telhado do seu prédio sito no lugar de Paradelas da mesma freguesia. Tem informação favorável.

De Francisco Domingues, Bouro, requerendo licença para reconstruir um muro bem como proceder à reparação do telhado e caiação do seu prédio sito no lugar de Paradelas da mesma freguesia. Tem informação favorável.

De António dos Santos Meneses, de Amares, solicitando licença para abrir uma montra no seu prédio sito no Largo Doutor Oliveira Salazar desta Vila. Tem informação favorável.

De Manuel Joaquim da Costa, de Vilela, solicitando licença para reconstruir uma varanda no lugar de Carvalho da mesma freguesia. Tem informação favorável.

Requerimentos de doentes

Foram presentes à Ex.ma Câmara os seguintes requerimentos pedindo guias para internamento e tratamento de doentes pobres em estabelecimentos hospitalares deferidos pelo Senhor Presidente da Câmara nos termos do Art.º 78.º do Cód. Adm.: Severino Vieira, de Amares, Aurora da Conceição Lopes, de Caires, Maria Gonçalves de Barros, de Caires, Joaquim da Anunciação Alves, de Lago, Joaquim da Silva Veloso, de Caldelas, Filomena Macedo Robrigues, de Carracedo, José Maria Gomes, de Ferreiros, Mário Augusto Alves Lira, de Besteiros, Rita Vieira, de Besteiros, João Portela de Carvalho, de Barreiros, António Fernandes, de Carracedo, Maria Lima da Cunha, de Prozelos.

Foram também presentes à Ex.ma Câmara os seguintes ofícios do Hospital de São Marcos pedindo guias para internamento dos seguintes doentes: João de Deus da Silva Campos, de Goães, Delfina da Silva Soares, de Caires, Maria Emília Fernandes, de Barreiros.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Dia 11 — a Snra. D. Maria Angelina Azevedo Dias.

Dia 12 — Os Senhores António da Costa Abreu Dias e Artur Dias.

Dia 13 — a menina Maria Ester Machado.

Dia 14 — O snr. Acácio da Rocha Barbosa

Dia 15 — os senhores Manuel Janela e Joaquim Lucílio Monteiro.

Dia 16 — a menina Maria Georgina Dias Portela de Magalhães.

Aniversário

Passa na próxima Terça-feira, dia 13, o seu aniversário natalício, o Snr. António Bento Dias, industrial e proprietário.



Sua esposa e filhos desejam que esta data se prolongue por muitos anos.

TRIBUNA LIVRE
é distribuída em Braga
no Quiosque Central,
Largo do Barão de São
Marinho

Requerimentos Diversos

De Laurinda Rosa da Silva, de Amares, pedindo a adjudicação da moradia n.º 2 do Tipo B do Bairro desta Câmara. Foi deferido pelo Senhor Presidente da Câmara, fixando a renda em 80\$00 mensal.

De Maria Pereira Fernandes, pedindo a adjudicação da moradia n.º 3 Tipo A do Bairro desta Câmara. Foi deferido pelo Senhor Presidente da Câmara, fixando a renda mensal em 70\$00.

É presente à Ex.ma Câmara um requerimento de Manuel António da Costa, do lugar de Urjal, da freguesia de Seramil, pedindo autorização para fazer à sua custa, diversos trabalhos de reparação e beneficiação num troço de caminho que vai do lugar da Presa ao de Urjal daquela freguesia. O Zelador Municipal informa que não vê inconveniente nesta concessão desde que o requerente prove que o referido caminho é público, pois pelos seus sinais aparentes e permanentes, e, ainda, por informações que colheu de pessoas idóneas da freguesia, quanto a si, o caminho em questão é particular.

A Vereação e o Misericórdia

Continuação da 1.ª página

nheiro nem projectos, quando a actual Mesa tomou posse. À custa de mil canseiras, conseguiu nesse lapso de tempo fazer uma sede e comprar os terrenos circundantes de maneira a garantir um futuro digno.

Em pouco tempo conseguiu um prestígio evidente. Deve-o em especial ao seu director clínico que só no ano firdo deu dez mil consultas e fez centenas de tratamentos de graça, que sem dali tirar um tostão emprestou avultada quantia para a Instituição garantir a compra de um terreno e no ano que está para acabar deu milhares de injeções e outros remédios para serem fornecidos aos pobres. Deve-o também ao esforço de outros dirigentes em especial ao ousado mentor da ideia de se andar para a frente, também largamente sacrificado monetariamente.

Em 7 anos dirigentes diversos pouco mais fizeram do que assinar actas, não se envergonhando de ter a maior parte do tempo a Instituição numa casa para pobres, no bairro camarário. Importantes problemas assistenciais do concelho foram abandonados.

Pois — espantem senhores — entende o despeito que a Instituição deve voltar para as mãos daqueles que por ela nada fizeram, e a entorpeceram e prejudicaram, acrescidos de mais um ou dois reconhecidamente iguais ou piores do que aqueles.

Novos assinantes

Tivemos o prazer de inscrever como assinantes os senhores: Virgílio Fernandes Maia, digmo. Chefe do Posto da Polícia Internacional de S. Gregório, Melgaço, e Manuel Francisco de Sousa de Aguas Santas, Póvoa de Lanhoso.

Os nossos agradecimentos.

Para tanto, a alma mater da Instituição que é o seu director clínico que não pactua com ambiciosos sem escrúpulos, com ele os médicos e toda a Mesa com uma excepção, sairiam. A Instituição poderia voltar para o bairro e os inertes teriam a honra de assinar uma acta por mês, com a Instituição entregue aos que não a querem onde está.

O eleitorado não querará esta bandalheira. Sabe-o já, sem dúvidas, quem contacta com os que têm a decisão na mão. Sabem-no também os que se meteram neste sarilho e que de chapéu na mão andam pelas portas a pedir adesões. O mais difícil para eles, agora, é arranjar uma porta de saída que não seja a derrocada que tanta gente quer em nome das perseguições de que foram vítimas e das injustiças que lhe fizeram bater à porta.

Há homens que mudam tão depressa que não nos surpreenderia já ver aos pés do D. Gualdim, os unidos de agora, a decidirem, novamente, o local futuro do hospital, que até poderia ser lá perto, por inspiração de algum representante do nosso saudoso Marques Rego.

HUMORISMO

No Consultório

O médico para a esposa do doente:

— Continue com as papas de linhaça com pouca mostarda e amanhã veremos.

A mulher:

— É inútil, sr. doutor. Eu vomita tudo quanto come.

No Consultório

Ai, sr. Dr.! Este meu filhinho engoliu uma moeda de cinco tostões!

— Não se preocupe, minha senhora.

— Por quê? Não é grave, sr. dr.?

— Ora... uma quantia tão insignificante!

No café

— Entre nós há grande diferença, tu trabalhas por dinheiro, eu trabalho por honra.

— Lá isso é verdade, cada um procura o que lhe falta.

Leia, Assine

Pubelique

«Tribuna Livre»

EDITAL

RECENSEAMENTO ELEITORAL

Licenciado Alfredo de Abreu Valença, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de AMARES

Faz saber, nos termos e para os efeitos do art. 10.º da Lei n.º 2015, de 28 de Maio de 1946, que as operações do recenseamento dos eleitores da ASSEMBLEIA NACIONAL para o ano de 1961, terão início no dia 2 de Janeiro próximo futuro e terminarão em 15 de Março do mesmo ano.

Ao abrigo do disposto nos arts. 1.º e 2.º da citada lei:

SÃO ELEITORES E, COMO TAL, RECENSEÁVEIS:

1.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português;

2.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que, embora não saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos quantia não inferior a 100\$00, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional e imposto sobre aplicação de capitais;

3.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com as seguintes habilitações mínimas:

- Curso geral dos liceus;
- Curso do magistério primário;
- Curso das escolas e belas artes;
- Curso do Conservatório Nacional ou do Conservatório de Música do Porto;
- Curso dos institutos industriais e comerciais.

4.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, que, sendo chefes de família, estejam nas demais condições fixadas nos n.ºs 1.º ou 2.º

Para os efeitos do disposto neste número, consideram-se chefes de família as mulheres viúvas, divorciadas, judicialmente separadas de pessoas e bens ou solteiras que vivam inteiramente sobre si.

5.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino que, sendo casados, saibam ler e escrever português e paguem contribuição predial, por bens próprios ou comuns, quantia não inferior a 200\$00.

A PROVA DE SABER LER E ESCREVER FAZ-SE:

- Pela exibição de diplomas de exame público, feita perante a comissão que funcionará na sede da respectiva Junta de Freguesia;
- Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;
- Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão referida na alínea a), desde que no mesmo requerimento assim seja atestado, com a autenticação por meio de selo branco ou a tinta de óleo da Junta de Freguesia;
- Pela respectiva declaração nos mapas enviados pelas repartições ou serviços a que se refere o art. 13.º da citada Lei.

A PROVA DO PAGAMENTO REFERIDO NOS N.ºS 2.º 4.º E 5.º FAZ-SE:

- Pela exibição, perante a comissão de freguesia, dos conhecimentos respectivos, cujos números ficarão anotados no verbete ou processo individual do leitor;
- Pela inclusão no mapa enviado pelo chefe da secção de finanças.

Ao marido se levarão em conta os impostos correspondentes a bens da mulher, posto que entre eles não haja comunhão de bens, e aos pais os impostos correspondentes aos bens dos filhos menores a seu cargo.

A PROVA DAS HABILITAÇÕES REFERIDAS NO N.º 3.º FAZ-SE

Pela exibição do diploma de curso, da certidão ou da pública-forma respectiva, perante a comissão de freguesia ou pela declaração respectiva nos mapas enviados pelas repartições ou serviços mencionados no art. 13.º da citada Lei.

NÃO PODEM SER ELEITORES

- Os que não estejam no gozo dos seus direitos civis e políticos;
- Os interditos por sentença com trânsito em julgado e os notoriamente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por sentença;
- Os falidos ou insolventes, enquanto não forem reabilitados;
- Os pronunciados definitivamente e os que tiverem sido condenados criminalmente por sentença com trânsito em julgado, enquanto não houver sido expiada a respectiva pena e ainda que gozem de liberdade condicional;
- Os indigentes e, especialmente, os que estejam internados em asilos de beneficência;
- Os que tenham adquirido a nacionalidade portuguesa, por naturalização ou casamento, há menos de 5 anos;
- Os que professem ideias contrárias à existência de Portugal como estado independente e à disciplina social;
- Os que notoriamente careçam de idoneidade moral.

Todos os cidadãos com direito a voto poderão requerer a sua inscrição no Recenseamento ao Presidente da Comissão Recensadora, por intermédio das Comissões de Freguesia, e deverão mencionar, além do nome, o dia do nascimento, filiação, estado, profissão, habilitações literárias e morada.

Para constar se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo.

Paços do Concelho, 2 de Dezembro de 1960.

A IGREJA E A EMIGRAÇÃO

(Continuação da 1.ª página)

necessidade da integração social, económica e educativa na paróquia, a responsabilidade do clero das paróquias territoriais e nacionais em relação à integração; e a ajuda paroquial aos emigrantes no grave problema da reunião das famílias.

Sua Santidade o Papa João XXIII dirigiu uma afectuosa carta ao Congresso na qual se diz que para o Sumo Pontífice «é uma consolação pensar em tantos milhares de emigrantes assistidos espiritualmente e materialmente, através do mundo, por organizações católicas que trabalham, na maioria, em estreita harmonia com a Comissão Internacional Católica para as Migrações».

O Santo Padre, recordando as Suas palavras dirigidas à XII a Sessão do Comité Intergovernamental para as Migrações Europeias — «mais do que em outra época, as vicissitudes políticas e económicas são, em nossos dias, uma fonte permanente de numerosos movimentos de população que poem problemas muito delicados», regozijava-se com a escolha do tema para o Congresso de Otava — a Integração dos imigrantes católicos.

Nessa mesma carta, o Romano Pontífice referia-se aos dois grandes factores que intervêm na integração, a saber: a família e as capacidades profissionais — acerca dos quais fez oportunas considerações.

A Igreja não podia ficar indiferente e inerte em matéria de emigração. A sua missão é salvar as almas, encaminhando-as para a prática da virtude. Por isso, indica-lhes os perigos a evitar e ensina, com maternal solicitude, os meios eficazes

e as soluções acertadas para conseguir tal fim.

Deste modo, por intermédio dos vários documentos de Pio XII — pode ser considerado o Papa dos emigrantes — a Igreja estabeleceu doutrina clara, precisa, oportuna e justa acerca dos problemas suscitados pela Emigração.

Com solicitude e carinho, a Igreja acompanha os emigrantes na desolação da partida, na tristeza dos primeiros tempos em terra estranha, longe da família e do ambiente da terra natal. Esse amparo espiritual é dado pelos capelães de bordo e pelos missionários dos emigrantes. Como afirmou Pio XII, na Rádio-mensagem do Natal de 1952, a Igreja corajosamente defende os valores espirituais e morais da emigração que devem ser salvos, protegidos e ampliados bem como a dignidade e os direitos da pessoa humana e da família, para que esta, uma vez reunida, se transforme em autêntico lar onde se encontre o necessário para uma vida alegre e agradável a Deus.

Também, a Santa Sé, tem chamado a atenção para a preparação espiritual e técnica do emigrante. Basta ver o capítulo 5.º da «Exsul Familia» de Pio XII para se ficar ciente da preocupação da Igreja neste ponto tão importante.

Se Deus protege os forasteiros, como nos diz o Salmista (Ps. 145,9) maior confiança deve brotar do nosso íntimo ao celebrar, mais uma vez, o Dia Católico do Emigrante.

Peçamos a Deus que acompanhe e abençoe os Portugueses espalhados pelo estrangeiro para que sejam fiéis aos princípios religiosos e cumpridores das práticas e do culto que aprenderam na Pátria.

Preparação e formação dos emigrantes

(Continuação da 6.ª página)

ração espiritual é técnica do emigrante é certamente um serviço precioso (...). Instruir os emigrantes acerca da língua, da organização e dos costumes dos países para onde irão, aplanar-lhes o caminho e segui-los, é não apenas uma obra de caridade mas também um meio para unir, pelo laço indelével do afecto».

Na celebração do Dia do Emigrante, é de esperar que se congreguem as melhores boas vontades e se envidem esforços por contribuir para essa preparação do emigrante. Portugal tem necessidade, sobretudo hoje, de continuar e de aumentar os seus créditos no estrangeiro como povo civilizador.

A Emigração, para além

das repercussões valiosas que se podem verificar no campo económico e social, constituirá uma afirmação daquela constante histórica que se regista há tantos séculos: as rotas dos vários pontos do globo não são desconhecidas dos Portugueses e, por toda a parte, benéficos são os efeitos da sua passagem e da sua presença.

TRIBUNA LIVRE

Vende-se em Lisboa na INCREMENTUM - Rua Santa Marta, 58-3.º onde também se recebem assinaturas e publicidade

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

VALDREU e GONDOMAR

mulher D. Teresa Anes. A casa dos Soudras era a mais nobre de Portugal

— D. João Peres casou e. D. Aldonça Peres, neta de D. Afonso III por ser filha da infanta D. Urraca Afonso.

Não é preciso prolongar mais esta linhagem para se mostrar que foram fidalgos de grande prosápia. Nas esferas da corte foram perdendo contacto com suas terras de origem.

Em 1573 o senhorio de Nóbrega andava no morgado de Magalhães, dos senhores da Barca; eram os alcaides do respectivo castelo.

* * *

No reinado de D. João III, ainda o Dr. João de Barros, autor das «Antiguidades...» nomeia o mosteiro de Valdreu, então com frades de S. Bento, e rendia 200 mil réis. Pouco demorou que se secularizasse.

Passou a comenda de Cristo e, como tal, andou nos condos de Castanheira. Também foi comendador de Valdreu António de Magalhães, casado c. sua prima D. Isabel de Menezes.

No decurso dos séculos as famílias nobres desenvolveram assim os seus tentáculos, estabelecendo as bases sólidas da fidalguia rural, condenada à morte, no século passado, pela extinção dos vínculos.

Nas Inquirições de 1220, os *Jurados de Sancto Salvatore de Baldreu* que foram: — O prior Pedro Peres, Pedro Pais, Garcia Soares, Gonçalo Fernandes, João Gonçalves, Martinho Pais, Paio Peres, Pedro Guedes, Don Oveco, e Andreu, disseram que o Rei não possuía aí qualquer reguengo, nem foro; nem era padroeiro.

Quanto a «bens das Ordens» que a respectiva igreja tinha aí os seus privilégios, e 68 casais; que Rendufe tinha 4 casais e a quarta parte de ouiro; que a Ordem do Hospital recebia de renda 8 côvados de bragal.

Já possuíam aqui seus interesses os Hospitalários pela mesma razão que Aboim da Nóbrega foi comenda da mesma, ou de Malta.

D. Martim Fagundes, comendador de Leça do Bailio, e na qualidade de lugar-tenente do Grão-Mestre D. Gonçalo Peres Pereira, deu a D. João de Aboim o lugar do Outeiro junto à Pica de Regalados, aos 20 de Julho de 1270.

Em 1260, D. Afonso Pires Farinha, prior do Crato, por consentimento do Grão-comendador de Espanha, frei Faraúdo de Barrioco, tinha dado ao mesmo D. João de Aboim a terra de Vila-Verde.

As Inquirições de 1220 não fazem uma referência especial à existência do mosteiro em Valdreu; mas, pelo volume das propriedades (68 casais) pode concluir-se que não era uma simples paróquia medieval.

A posse dos quatro casais de Rendufe é esclarecida pelas relações familiares entre os descendentes dos respectivos fundadores.

O Padre Carvalho da Costatratadestafreguesia e antigo couro, a pag. 216 do 1.º vol. da sua Corografia Portuguesa:

«São Salvador de Baldreu foy convento de Cónegos Regrantes de S. Agostinho, que fundou Dom Ourigo Velho de Nóbrega, ou conforme outros, seu filho Dom Pedro Ourigues da Nóbrega, pay de D. João de Aboim, e de Fernão Ourigues, cujo filho Nuno Fernandes foi Prior deste Convento, dignidade que naquelles tempos occupão ordinariamente os filhos ou parentes chegados dos Padroeiros.

Foy seu filho (de Nuno Fernandes, pois trata-se de abades leigos) Rui Nunes privado del Rey Dom Dinis, e Ouvidor da Justiça de sua casa.

«Teve couro, que inda (1706) se conservava no Cível com juiz ordinário, eleição anual do povo, dous Vereadores, Procurador, Meirinho, e Monteiro; vem escrever-lhe um Escrivão da Pica de Regalados, cada ano hum, e confirma-os o Corregedor (de Viana): no Crime vão a Regalados. O Arcebispo Dom Fernando da Guerra, com Breve do Papa Martinho Quinto o fez Abadia secular de sua apresentação: passou a Comenda da Ordem de Christo, e Reytoria da Mitra.

Tem (na data referida) cento e vinte vizinhos, e em huma Aldea da montanha, chamada Mouxoens da Serra, tem huma hermda de Santo António, muito visitada dos povos vizinhos, em seu dia».

É, como se verifica, algumas vezes secular o vistoso

Continua no próximo número

O Herói e o Santo

Continuação da 1.ª página

que por revelação da SS.ª Mãe Virgem, teve conhecimento da morte. Com ela, se familiarizou nas horas duras de combate!... O Herói não a temia. Cheio de merecimentos, edificando a todos com aquela compostura e serenidade que já nesta vida usufruem os eleitos, tendo junto ao catre o rei D. João I e o Príncipe D. Duarte debruçado em lágrimas, adormeceu plácida e no Senhor, o grande Herói e Santo.

Morreu o Santo!... Esta exclamação saía de todas as bocas, pelo que o seu auxílio e protecção começaram a ser eficazmente implorados a partir da sua morte. Declarado Venerável pelas suas altíssimas virtudes, foi beatificado pelo papa Bento XV e reassumida agora a causa da sua canonização, esperamos que brevemente será inscrito no catálogo dos Santos. As suas relíquias vão ser recebidas jubilosamente na vetusta arquidiocese Primaz e em triunfo percorrerão entre 12 de Março e 9 de Abril do próximo ano, a maior parte das vilas do nosso Minho.

O comunismo internacional na hora agitada, que passa, disere sobre Portugal os golpes do rancor das mais vis infâmias e calúnias, pretendendo nessa campanha diabólica atingir-nos, especialmente nas províncias ultramarinas.

Seguindo as pisadas do ímpio Voltere, menti, que da mentira alguma coisa fica,» o mundo comunista, não cessa de fomentar a discórdia, apregoando aos incautos e desprevenidos, atoardos sem qualquer fundamento.

Portugal vibrou de indignação em todos os recantos do universo onde existe um português e um protesto uníssono profundo espontâneo de todas as parcelas do nosso território, contra as calúnias soezes dos agitadores que no centro da Europa, continuam a esmagar vítimas indefesas que aguardam a hora da libertação.

Nesta hora, o Santo Condestável avulta como símbolo de união e patriotismo. Aquelas, terras onde há séculos, correu generoso o sangue dos nossos antepassados e onde foi implantada a cruz da Redenção, não voltarão à barbárie.

Não cedemos, não negociamos, não transigimos. Portugal será fiel à tradição de oito séculos. Impávido como outrora, despreza todos os insultos e confia como sempre, nas horas difíceis no valor e na coragem dos seus filhos. Confia também, na protecção da sua excelsa Padroeira a Imaculada Conceição, e no valimento e intercessão do seu glorioso Herói e Santo.

A Charrua e a Espada

(Continuação da 1.ª página)

do, Portugal não pode negociar nem pode transigir.

Era isto, fundamentalmente, que a opinião pública internacional queria saber e foi isto que ficou sabendo, de forma a não lhe deixar mais dúvidas a tal respeito. Quanto aos portugueses, que dentro ou fora das fronteiras da Pátria aguardavam há semanas, com a palavra de Salazar, a linha de rumo a seguir nesta procêla, a sua expectativa não ficou desiludida: — o discurso, do Presidente do Conselho na sua essência (e posta de parte a diferença de circunstâncias) equivale e para o País e para esta geração de portugueses ao que para a Inglaterra e para a geração inglesa de há vinte anos representou o famoso «slogan» churchiliano — «Sangue, Suor e Lágrimas», equivale à mobilização de todas as energias morais de um povo; equivale ao travar de uma batalha decisiva; equivale — tratando-se deste Povo lusitano, tão fortemente caldeado nas vicissitudes e no perigo através de oito séculos de existência — equivale à certeza antecipada da vitória.

*Segurar com uma das

mãos a charrua e com a outra a espada, como durante séculos usaram nossos maiores.» Tal o estilo de vida que Salazar propõe aos portugueses para os anos que se seguem, cujo peso — ele o lembrou — nem sequer podemos avaliar.

A Charrua e a Espada! A fórmula parece arrancada às origens da civilização latina, quando nas margens do Tibre o Romano arava o seu agro e empunhava o gládio para defender do bárbaro o seu Pão e o seu Direito. De todos os povos herdeiros de Roma nenhum melhor do que o nosso para hoje em dia a compreender e viver. Ela está-nos no sangue, desde o Condado Portacalense se fez Reino e o Reino se fez Nau e foi pelo Mundo fora a descobri-lo e a civilizá-lo. A Charrua e a Espada não é uma imagem de retórica, não é o programa de um partido político, não é sequer a afirmação pessoal de Chefe do Governo português. É a voz da Nação a voz dos vivos, dos mortos e dos vindouros. É a legenda de um povo. E nunca Portugal teve uma legenda que melhor o definisse e o sintetizasse.

Paisagens e realidades práticas da vida

Continuação da 1.ª página

de jacto ainda não transportou quem quer que fosse mais, longe, sobre a superfície dela, que as quatro pernas de um cavalo ou as velas e remos de barco rouceiro.

O comodismo da cidade, rodeado de aquecedores no inverno, chora pelas lareiras crepitantes da aldeia, sob a chaminé ornamentada de presuntos e «fumeiros» pendentes; de refrigerantes no estio, lembra-se com muita saudade das frescas sombras do vale solitário e agreste.

Dotou a Natureza as aves com asas; e há quem lhas prenda por prazer em gaiolas doiradas a que elas preferiam a liberdade.

* * *

As leiras sorridentes do Minho não podem ser arroteadas pelas mesmas charruas que lavram as vastas lezírias e as planícies monótonas do Alentejo; mas, deitando-se à terra a boa semente, cada qual produz bons frutos.

O homem que por sua condição se ficou e aplicou ao serviço da Terra; e é o mais nobre, tem o mesmo direito de comer as hortaliças cozidas no pote muito embora escamado e negro da fuligem da sua modesta lareira, ateadas às vezes pela lenha verde do pinhal, que o progressista burguês que já conseguiu apetrechar o seu trem de co-

zinha dos mais modernos utensílios; só se o desmazelo reina em qualquer parte.

Quem anda pelo mundo e vê muitas coisas, manda o bom conselho que cale a maior parte delas para não escandalizar ouvidos inocentes.

Cantar de longe, como os rouxinóis ou coisa que o valha, que os seus parceiros não têm asas para voar, é como hoje se diz, submetê-los a «um complexo de inferioridade».

A propósito, uma pequena história verdadeira».

Vivia aí, pelos montes vizinhos da senhora da Abadia, um velhinho. (que nem sequer sabia idade que tinha) e nunca havia saído da sua terra, visto cidade nem combóio; automóveis, só os que raramente apareciam com visitantes ao Santuário.

Certo dia descobriu um desses turistas o idoso ancião; e, simpaticando com ele através de longa troca de impressões, tanto o convenceu (com muita dificuldade) que por bem o meteu no carro e levou-o alguns dias, com toda a estimação a ver o que nunca vira; o que de mais interessante e admirável havia para mostrar-lhe.

Quando voltou a pô-lo em casa, verificaram os seus familiares que regressava muito triste; tinha perdido o comer e a fala... e pouco durou.

Quiseram dizer que o pobre velhinho morreu de susto.

Homenagem ao Senhor Capitão

Henrique Augusto Tomé

Os civis da Base Aérea n.º 3, lendo bem vivas na memória as atenções a todos dispensadas por este brioso oficial durante os seus dez anos de serviço nesta Unidade; sentiram-se na obrigação de lhe prestar uma justíssima homenagem, no momento saudosos da despedida.

Efectivamente, nenhum destes poderá esquecer nunca este nome, que sempre se condeu, dos humildes e indefesos; todos, ou quase todos os civis presentes funcionários, prestaram serviço como militares na Base Aérea 3, e qual desses, naqueles momentos difíceis que essa vida nos apresenta, não sentiu o braço protector do Pai Tomé?

Quem não recebeu os seus conselhos amigos? Talvez nenhum.

Dum extremo ao outro do nosso continente, e até mesmo além Oceano no Ultramar, este brioso oficial, é conhecido pelo pseudónimo de «Pai Tomé» isto porque todos quantos por ali passaram, encontraram sempre no chefe de secretaria daquela Base, um refúgio dos seus desabafos e um ponto de salvação; Dentro das suas vastas possibilidades, o Pai Tomé, mostrava o perigo em eminência, aconselhava e reprendia, mas aliviava sempre o peso da justiça; mas como o tempo não poupa a ninguém, não nos poupou também a nós; a sua honrada presença, e hoje profundamente contristados; vamos vê-lo partir!...

Em antes porém de nos deixar, nós quízemos tê-lo algumas horas junto de nós, para todos unidos e numa só voz,

lhe dizer-mos um muito grande = OBRIGADO =.

Foi para esse fim que se organizou uma modesta festa de cujo programa constou um desafio de futebol, entre casados e solteiros, que teve lugar no dia 3 às 15-h. no Estádio Municipal da histórica Cidade de Tomar.

Nesse desafio foi disputada uma Taça, com o nome «Capitão Henrique Augusto Tomé,



Capitão Henrique Augusto Tomé

às 20 h. no Restaurante flor do nabão daquela cidade, foi servido num jantar no qual tomaram parte todos os civis funcionários daquela Unidade, procedendo-se ali á entrega da referida taça ao homenageado pelos capitães de ambas ás equipes, visto o resultado ter sido de 0 - 0 e não haver nenhum vencedor; Durante o jantar falaram alguns dos presentes referindo-se á maneira amável e carinhosa, como fomos tratados durante

aqueles dez anos de serviço, pelo nosso Chefe de Secretaria, e terminaram sempre com um lamento, frisando a sua separação; falou também o homenageado que terminou assim:

«Parto com saudades!»

Foram 10 anos que enfrentei a labuta de dia a dia de chefe de secretaria da Base 3, e mais seriam ainda, se a força das circunstâncias me não obrigassem a deixar-vos, tenho pena! Porque embora uma secretaria d'uma Base, deia muito que fazer, eu encontro-me ainda apto para continuar ligado ao serviço, mas um motivo imperioso me obriga a deixar-vos, saudades me acompanham, confesso! E agora, já que nos encontramos aqui todos juntos, eu quero recordar dois que partiram, e 4 que não puderam estar presentes; são eles o nosso mestre.

Faia e Pires da Silva; Esteves, Marques da Silva, Diniz gordo e o velho Figueiredo; a cada um destes eu vos peço que sejais portadores de cada seu abraço, do «VELHO TOMÉ».

Como sabeis não fico afastado do serviço definitivamente, volto para o sítio de onde vim (OTA) indo servir sobre as ordens do Ex.º Sr. Ten: cor: Figueiredo Cardoso; Ofereço-vos os meus serviços, e tenho imenso prazer, um dia poder sêr prestável a qualquer civil da Base Aérea n.º 3».

Como decorreu o encontro formação das Equipas: casados

Rolo, Oliveira, Julio e Chi-

Preparação e formação dos emigrantes

Sem dúvida alguma, hoje, chegou-se à conclusão de que os movimentos migratórios ocupam lugar de relevo na política dos povos e constituem um factor de alta importância para o bem social das nações. Regista-se em todo o mundo um ambiente de simpatia e de compreensão pelos problemas, pelas questões, quer no aspecto económico, quer no cultural e moral e que envolvem sérias e intrincadas dificuldades.

Os Governos têm debruçado a sua atenção neste ponto de capital valor. As leis modificam-se e orga-

co Fundão Helder, Santos, Rocha, Ricardo e Albertino Abel e Henrique ao meio tempo foram substituídos: Chico Fundão por Ginete e Santos por Quaresma.

Solteiros

Flores, Brogueira, Correia e Paredes, Ludgero, Carvalho, Simões, Aristides e Jorge, Zé Santos e Manuel; ao meio tempo foram substituídos:

Aristides por Silva e Manuel por Leonel.

Dirigiu a partida o Sr. Vasco Jacob, auxiliado pelos Lopes Faria e João Lopes.

O resultado condiz com o desenrolar do desafio, tanto d'um lado como do outro, houveram oportunidades, que os dianteiros não souberam aproveitar, salientam-se nos casados; Helder, Albertino e Rocha nos solteiros; Flores, Brogueira e Correia, os restantes estavam numa tarde pouco feliz, e o encontro terminou com o resultado justo de 0-0.

Arbitragem excelente.

Tancos: José Silva

nismos particulares ou oficiais dedicam-se, com entusiasmo, a tudo quanto seja para o bem estar dos que se encontram em terra estranha. Nos países de recepção, trabalha-se para o imigrante ter alojamento, condições de trabalho que dignifiquem o homem, atmosfera de conforto moral, suavizando o choque da entrada e permanência num país diferente onde o ambiente social e os valores económicos, espirituais e religiosos aparecem de modo diverso.

Por sua vez, nos países que, por circunstâncias várias, enviam os seus filhos para outros horizontes, ro-deia-se o emigrante de especiais cuidados, preparando-os para essa missão especial que vão desempenhar longe da Pátria, dignificando o nome do seu país, manifestando qualidades de trabalho.

Portugal é um dos países que tem contribuído largamente para o movimento migratório. Não é de agora. Sempre os Portugueses se têm mostrado de espírito aberto à emigração. No passado e ainda hoje. Basta dizer que, de 1948 a 1958, saíram da nossa terra 305.079 emigrantes—o que realmente é um número considerável.

Forçoso é confessar que no capítulo de preparação e formação do emigrante, ainda há muita coisa a fazer. No entanto, já se faz muito em benefício do Emigrante que sai do país em condições muito melhores que outros em anos transactos. Mas importa prosseguir.

Por isso, muito oportuna e autorizada a palavra do Papa Pio XII — : «A prepa-

Continua na 4.ª página

PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

ficasse em Castela, esperando que fizesse aí maiores serviços que em Portugal, porque o seu talento lhe havia adquirido naquele reino muitas inteligências. Executou o marquês prontamente este decreto, por isso afirma Pedro Fernandes Monteiro, o mais particular ministro de confiança de D. João IV, que o marquês de Montebelo sempre conservara o ânimo português.

«Tratou de conciliar a si os ânimos dos Emissários que lhe haviam de trazer os seus avisos: Francisco Pais Ferreira, que os castelhanos depois prenderam por inconfidente; Estêvão Fernandes da província de Trás-os-Montes, natural de Freixo de Espada «na cinta»; Francisco Lopes da mesma província; António de Andrada de Oliveira, é vários confidentes que tinha Entre Douro e Minho, entre eles um reitor do Colégio dos Padres da companhia.

«Remeteu muitas cartas a el-Rei, por seu tio frei Pedro de Araújo, cavaleiro e comendador de S. João de Rodes; além de outros seus parentes, foram intermediárias duas irmãs que tinha, freiras em Vila do Conde.

«Vinte anos neste bom entendimento, concorreu para o êxito das batalhas de Montijo, Telena, Forte de S. Miguel no sítio de Badajós, Linhas de Elvas; Ameixial e sítio de Évora, que foram no ano seguinte ao da sua morte.

«Chegavam cartas suas com pinturas e sinais. Mandaram-se dois castelhanos de Madrid a Lisboa, para que tirassem a vida a D. João IV. Retratou-os o marquês nas costas de uma carta tão fielmente, que logo aqui foi conhecido um deles, quando passeava no Terreiro do Paço.

«Sucedeu, na era de 1641, que Pedro Gomes de Abreu senhor de Regalados, passasse para a corte de Madrid; e, não lhe valendo o

respeito do parentesco que tinha com o pai e mãe do marquês, nem a assistência da corte, para que deixasse de abominar-lhe na sua presença, tal resolução. Daqui lhe resultou uma rija pendência com um dos filhos de Pedro Gomes de Abreu, que depois o quis matar, esquecendo-se da boa amizade que lhe devera.

«Teve igual motivo de discórdia com o duque de Aveiro, D. Raimundo de Lençastre, que passou a Madrid na ano de 1659.

«Intentaram os castelhanos que passasse o marquês para Portugal e que desse peçonha a S. Magestade, querendo secundar com esta tirania a de haverem usurpado o Reino à Casa de Bragança; estimulou-se o marquês de que se lhe cometesse tão indigna diligência.

«Avisou o modo por que se intentava tirar a vida a S. Magestade, como fizera outras muitas vezes; mas, depois que respondeu em Castela tão livremente: — que só havia de voltar para servir ao seu Rei, chegaram os castelhanos a tirar-lhe as rendas e até os alimentos que se lhe davam; e chamavam à sua casa, por voz comum e pública na corte de Madrid — *La junta de los traidores*; que eram os confidentes que assistiam nela, com alternativa, para que a multidão não fizesse que se acumulassem ás suspeitas das máquinas deste ajuntamento; encobriu-os a Castela por muito tempo.

Valeu-lhe a influência de seu cunhado, o marquês de Mortara, que conquistou aos franceses a Catalunha para Filipe IV. Este, movido de um tal reconhecimento, suspendeu todas as acusações e ameaças que se moveram contra Montebelo.

Não lhe valeu menos a amizade do Cardeal Rospigliosi, seu compadre e Governador de Roma, que depois foi Clemente IX.

Sobre estes pormenores vem três certidões comprovativas dos referidos e mais serviços prestados por Montebelo: uma de Ruy de Figueiredo, comendador da Ordem de Cristo, Governador das Armas de Trás-os-Montes; outra do Doutor Pedro Fernandes Martins, Ouvidor da Casa de Bragança, Desembargador do Paço, etc; a terceira de Pedro Vieira da Silva, Secretário de Estado de D. João IV e de D. Afonso VI, etc; e esta diz assim:

«Sou muito bem lembrado, que, El-Rey nosso Senhor, o Senhor

(CONTINUA)